



Conversatório 1: Movimentos Sociais e a luta das mulheres rurais

Rosiéle Cristiane Ludtke, camponesa, Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural na Universidade Federal Fronteira Sul - UFFS, Campus Laranjeiras do Sul - PR, possui graduação em Tecnologia em Agropecuária: Sistemas de Produção pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS (2007). Atua no Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA desde 2003, na qual faz parte da coordenação do coletivo de gênero.

Bom dia companheiras, é uma alegria muito grande estar compartilhando nossa experiência quanto camponesa naquilo que a gente tem construído nesse último período da nossa vida que se mistura com a militância, nesse processo tão bonito de construção agroecológica construção feminista, construção coletiva, então agradeço muito a oportunidade de ficar falando aqui do meu terreiro você aqui falando com a Leila assim daqui do Recanto Fonte da Vida na região central do Estado do Rio Grande do Sul aonde a gente pratica na prática e faz na prática agroecologia todos os dias, a gente respira almoça e janta tomar café pensando em agroecologia pensando em melhorar cada vez mais as nossas relações com a natureza com o meio ambiente com as pessoas principalmente nesse momento tão difícil que a gente está enfrentando na conjuntura desse país e dessas crises todas que a gente. Tem um desafio grande de se superar crises ambientais e sociais da fome que bate na nossa porta, crise civilizatória e valores. Então agroecologia tem grande possibilidade de fazer a gente pensar nessa nova sociedade que a gente quer e para isso a gente precisa emancipar homens e mulheres na construção de uma sociedade em que todos e todas vivam com igualdade.

Então nos vamos partilhar um pouco da experiência concreta de como que a gente fez para ampliar fortalecer massificar a participação das mulheres, principalmente aqui no Estado do Rio Grande do Sul da onde é o chão que a gente fala da onde é o nosso terreiro mas também nesse MPA que é tão diverso em todo canto do Brasil a gente sabe que é uma diversidade muito grande de rostos de raças de expressões de realidade. Mas em tudo que é canto a gente tenta fazer de acordo com essa realidade para nós ficar fortalecer e ampliar a participação das mulheres que a gente sentiu o nosso movimento que tem uma necessidade muito grande de

ter esse espaço específico para trabalhar com as mulheres isso dentro do MPA, mas a gente sabe de outras organizações a gente faz parte do movimento nisso mas é muito importante ter esse espaço específico e nós aqui no Estado então desde 2005/2006, inclusive a Sirlei e que tocou uma música brilhantemente foi uma das companheiras que auxiliou nós no debate lá o nosso primeiro encontro Estadual das mulheres aqui no estado em Palmeira das Missões, a gente reuniu mais de 300 mulheres. Então esse encontro foi para gente dar o pontapé inicial para criar esse coletivo Estadual de mulheres e a partir desse momento o que aconteceu a gente começou a trabalhar os temas do gênero feminismo e viu que não estava dando muito caldo, que a mulher não estava participando e por que isso? A gente não estava compreendendo. porque o nosso movimento ele tem essa mensagem política que a Leila já falou antes que é produzir alimento saudável com respeito ao meio ambiente para alimentar o povo brasileiro, e no decorrer da história desses anos seguintes caiu no nosso colo um projeto de assistência técnica voltado para a agroecologia voltado para as plantas medicinais e nesse sentido a gente começou a trabalhar com as plantas medicinais e conseguiu nesse mesmo tema das plantas medicinais inserir os demais temas que a gente tinha muita dificuldade de trabalhar.

Então o que ficou assim claro que nós que as plantas medicinais foram os fatores mobilizador para as mulheres para elas irem para os encontros e voltarem para casa com o sabonete com a tintura a partir de uma coisa prática que a gente tinha feito nesses encontros, com isso abriu o debate com a sua família desse assunto que a gente tinha trabalhado dentro da nossa estratégia política que é o nosso grande plano camponês, todo ele voltado para essa agroecologia que a gente constrói no seu dia a dia e que não tem receita de bolo em cada canto desse país a forma como a gente constrói agroecologia é diferente então a nossa forma foi essa no momento que a gente começou a trabalhar com as plantas medicinais a gente não tinha dimensão de que isso se tornaria um fator mobilizador e que isso ia massificar a participação das mulheres no nosso movimento aqui no Estado do Rio Grande do Sul que tem que historicamente uma luta bastante que se encontra o machismo mais enraizada e bastante difícil. Se a gente fosse convidar as mulheres para fazer o curso sobre gênero feminismo as mulheres não iam mas quando a gente começou a fazer as oficinas construir os relógios de plantas medicinais os hortos de plantas medicinais, em cada canto aí o nosso estado a gente conseguiu romper com essa dificuldade das mulheres participarem e foi cada vez ampliando e participando cada vez mais então ressaltou então essa necessidade de ter esse espaço específico que foi caminhando depois para um espaço coletivo de gênero mas iniciou como um espaço de específico de mulheres. Nesse espaço dentro dessa luta dentro dessa construção

que a gente a gente também tá aqui no nosso território inserido principalmente na região que mais produz tabaco no Brasil então é o capital assim ele explora, expropria, mutila mulheres e homens com Muito veneno e então dentro desse espaço que a gente tenta construir alternativas calcadas nas agroecologia calcados na produção de alimentos saudáveis e nesse sentido as mulheres têm um papel fundamental nessa luta contra hegemônica do Capital instalado aqui na nossa região e não é diferente nas demais regiões do país onde só muda os enfrentamentos as cadeias produtivas aqui é o fumo, outros lugares é a soja, outro é a cana, e é o agronegócio nosso grande inimigo aí que tenta colocar como grande produtor nosso país e a gente sabe que não é que são homens e mulheres camponeses e camponesas indígenas quilombolas, esse fogo de terreiro que é quem produz a grande riqueza que produz o alimento que vai na mesa, 70% vai na mesa do nosso povo.

Então toda essa luta agroecológica é vista como um processo de construção que não é usada também como uma ferramenta para superar esse machismo e esse patriarcado que ele é muito reforçado nesse modelo de agricultura calcado no agronegócio, onde mulher não tem vez então tentando construir esse modelo da agroecologia construídas na prática essas experiências agroecológicas, onde a gente sabe que as mulheres são as que cuidam não é essencialismo, é realidade é construção social somos as mulheres que cuidam da natureza que se preocupar em preservar cuidar das sementes, que se preocupar com a produção de alimentos saudáveis sem veneno, que tem conservado sabedoria ancestral acerca das plantas medicinais que estão se desafiando a aprender a fazer os bioinsumos, os processos e técnicas de recuperação de sementes crioulas, necessários para fazer a transição para a agroecologia. Por que a gente tem essa facilidade de aprender receita, de uma na casa da outra e nos encontros e vim com uma mudinha de planta Então a gente tem essa facilidade de colocar isso na prática.

E a partir dessa facilidade e a gente abre esse debate com a família e as mulheres que aquele canto delas lá onde elas produzem as riquezas que a gente não fala, mas se fala em riqueza porque ela partir desta produção pequena esses alimentos saudáveis que se garante aqui principalmente nesse enfrentamento o tabaco a reprodução social das famílias, que tem anos de exploração dessa cadeia produtiva e não é diferente das outras. Essas riquezas os pequenos animais, as hortaliças, esses pequenos alimentos é que garantem a reprodução social e a saúde das famílias, porque a gente sabe que todo esse modelo do agronegócio ele tenta inviabilizar a produção camponesa como um todo e muito mais a produção nossa de mulheres, invisibiliza, não reconhece, não valoriza, a sociedade toda a mídia não reconhece não valoriza esse trabalho produtivo e reprodutivo que nós mulheres realizamos então

Então no Estado do Rio Grande do Sul essa foi a forma que a gente inseriu mais profundamente esses debates todos no nosso coletivo de primeiro de mulheres e agora mais recentemente coletivo de gênero, que é um espaço de luta, é um espaço de resistência para você ter uma ideia um dia a gente tava numa reunião e uma companheira com mais de 60 anos pediu a palavra e disse assim olha guria eu apanhei durante 10 anos da minha vida eu sofri violência física durante 10 anos da minha vida, então a gente não tem dimensão da importância que tem esse espaço específico das mulheres dentro dos movimentos sociais e a gente não escolheu trabalhar o tema da violência, mas a gente a partir desse relato desta companheira teve de começar a assumir também essa bandeira da luta contra violência, porque o 08 de Março que essa semana ele nasceu das Mulheres no enfrentamento contra o capital, contra a violência contra as mulheres e temos que lembrar de todas mulheres que são vítimas de violência todos os dias nesse país, violência física, violência psicológica, violência de gênero pelo simples fato da gente ser mulher. E a partir dessa reunião, a gente começou a trabalhar esse tema de violência e luta em todas reuniões que a gente fez. Todas as lutas do 08 de março, que a gente sabe que a sociedade capitalista tenta se apropriar desse dia para incentivar o consumismo, para que as mulheres recebam flores, a gente sabe que não é isso, a gente precisa lutar para não perder a consciência, pois por dia 6 mulheres são vítimas de feminicídio e é por isso que nós lutamos construindo agroecologia na prática.

Esse processo todo foi importante para gente criar um espaço específico e também dentro do nosso movimento a gente construir esse feminismo, que é uma libertação tanto para homens e mulheres a gente quer construir esse feminino que é uma superação desse modelo que oprime a todos e todas nos países e no mundo, e principalmente as mulheres que sofrem com violência, desemprego são as que mais sofre com tudo isso. Então a gente fazendo essas experiências que a gente fez foi uma ferramenta muito importante que a gente conseguiu colocar em prática esse processo todo da produção de alimentos, do plano camponês como estratégia política, para nós massificar a agroecologia a partir do trabalho com as mulheres.

Especificamente aqui na nossa região no Rio Grande do Sul, a gente tem várias experiências de mulheres que tocam feiras, isso não é diferente do das demais regiões do país, nós temos várias e várias experiências de comercialização direta que é isso precisa incentivar que homens e mulheres tenham renda, tenham emancipação política, tenham autonomia, que agroecologia faz um grande contraponto a produção orgânica que é simplesmente mais um nicho de mercado que quem consegue adquirir esses alimentos são os ricos no nosso país, pois os pobres não conseguem comprar os orgânicos.

A agroecologia leva em conta esse saber popular, saber ancestral, essa tecnologia adequada a realidade de cada situação, a cada lugar e principalmente fomenta que as pessoas consigam produzir as suas próprias sementes, consigam produzir os seus insumos, não dependendo do mercado, dependam o mínimo possível da porteira para fora das propriedades. Então saber todo precisa ser construído para que a gente tenha essa autonomia e a gente então pensando nesses processos, geralmente as nossas atividades elas são coletivas, então a gente não tem assim relatos de processo de comercialização individuais no nosso movimento. A gente tem os grupos coletivos, a gente que tem o grupo FloreSer Agroecológico que é aqui do nosso município e esse grupo então foi puxado aí por mulheres que faziam assistência técnica, fomentaram produção de sementes crioulas, fomentavam a produção agrícola agroecológica e principalmente a diversificação das propriedades, a produção de alimentos saudáveis. E esse grupo então voltou-se a economia solidária, a esta preocupação em estender nossa mesa camponesa as pessoas, aos trabalhadores da cidade que precisam se alimentar, principalmente agora em tempo de pandemia que a gente sabe que o preço do alimento subiu e que o acesso aos alimentos está cada vez mais difícil.

Então a gente faz essa experiência coletiva no nosso dia a dia, fizemos a conversão das propriedades da produção de tabaco para produção de alimentos saudáveis, que isso é um grande desafio, um aprendizado constante diário e que a gente então leva esses alimentos para os grandes centros de comercialização. Aqui a gente tá perto de Santa Maria, mas temos várias experiências em Porto Alegre, na Região Metropolitana e onde de forma coletiva então a gente realiza esse processo todo. Que é um grande desafio para nós mulheres mantermos a nossa organização também em tempos de reuniões virtuais, que não é fácil, tem lugares que a Internet não chega, nem um sinal do telefone não chega, então são grandes desafios para nós, a gente tá organizando esses processos de como essa produção saudável que vai até a cidade também levar nossa mensagem política, porque a gente entende que fazer agroecologia descolado da luta de classes, desse grande enfrentamento desse capital que se consolida como agronegócio, que é o grande gigante que a gente chama e nós que temos pés de Barro, porque ele não produz alimento, mais uma mercadoria e que tenta inclusive mercantilizar os nossos corpos. Então a gente sabe que fazer agroecologia descolada da luta de classes é simplesmente fazer jardinagem. Manter essa luta de classes, manter nossa organização enquanto movimento social é um grande desafio em tempos de pandemia em tempos que a gente não consegue se reunir. Também a gente tem claro, companheiros e companheiras, da grande solidariedade que nós homens e mulheres, principalmente as mulheres que se preocupam, tem feito de norte a sul neste País, porque a gente sabe que a fome está batendo

na nossa porta e a gente sabe também dessa missão tão importante da produção de alimentos saudáveis que a gente tem feito. E a gente então tem feito muitas ações de solidariedade de norte a sul desse país com a distribuição massiva de alimentos saudáveis para alimentar esse povo que está passando fome, e é por isso que a gente pensa e precisa pensar processos de organização que a gente sabe que vários movimentos sociais tem feito muitas atividades, mas parece que está tudo mundo muito solto e a gente precisa aglutinar isso, dar visibilidade para esse trabalho de homens e mulheres, nesse momento de pandemia, de todo esse processo de resistência e luta, de perda de direitos, de avanço da liberação de venenos, que é muito difícil a gente lutar contra a liberação de mais de 800 princípios ativos no nosso país, é uma luta que a gente precisa travar, precisa denunciar, precisa trazer para o nosso campo e precisa aglutinar essa luta em todos os cantos do nosso país.

Então nós também num processo que nós não temos nenhum apoio do Estado para essa luta feminista principalmente, mas também para construção da agroecologia, que a gente for pensar, se a gente fosse pegar o plano safra no qual 14% do recurso vai para os pequenos e as pequenas do nosso país e 85% do recurso vai para o agronegócio, se a gente fizesse a inversão 85% do recurso fosse para os pequenos e 14 para o agronegócio, mas desses 85% vamos dizer que a metade fosse para fomentar a produção agroecológica, com certeza a gente fazia milagre nesse país, porque nós temos só 25% das terras e produzir 70% dos alimentos. Então gente precisa sim ter apoio do Estado, precisa ter política pública, precisa ter assistência técnica voltada para a produção agroecológica e precisa sim que a gente se organize para continuar firme e forte na resistência, lutando, fazendo a nossa parte, que eu sempre dizia e defendia no movimento assim: tem vários tipos de luta, tem a luta aquela de rua que a gente vai ocupa um prédio público, tranca uma BR para conseguir conquistar os nossos direitos, mas também que aquela luta que a gente faz todo dia na nossa casa, na nossa comunidade, no nosso município, nossa região, que é se invés de ir lá na farmácia comprar um remédio usar um chá para eu manter a minha saúde eu vou estar fazendo uma luta contra hegemônica. Se eu em vez de usar uma semente transgênica, usar uma semente crioula, eu vou tá fazendo uma luta contra hegemônica. Então assim tem várias tipos de lutas e hoje a gente vai ter que nesse momento usar de muita criatividade para colocar em prática nossas diversas formas de lutas e a gente tem que continuar nesse momento resistindo, mantendo principalmente a nossa saúde física e mental também para conseguir seguir vivendo, produzindo no campo enquanto campesinato, enquanto mulheres e homens que querem construir uma nova sociedade, uma sociedade feminista, uma sociedade em que todos e todos possam viver com igualdade.

Vou finalizar de outro jeito, porque a gente está no 08 de março e não estamos na frente de um carro de som, de um prédio público denunciando, dizendo que tem jeito, através da nossa luta do dia a dia, nas nossas comunidades, na nossa roça, no nosso grupo, que a gente está construindo a sociedade que a gente quer e somos muitas e vamos cada vez mais nos multiplicar.

[E ao violão, finaliza tocando e cantando uma música “Mulher atitude”, do cantor e compositor Zé Pinto]:

Levanta mulher brasileira, mulher companheira e vem cá

Mulher que planta semente, que cuida nascente, mulher consciente e guerreira (2x)

Já que no 08 de março, não pode festejar, o espinho da injustiçada ainda insiste em brotar regado pelo veneno que mata a flor da paixão Arranhando a liberdade nas garras da escravidão (2x)

Mas a história quer mulher, sua participação (2x)

Levanta mulher segue em frente e venha com a gente sonhar

Miramos a utopia que alimenta a guia e nos desafia nesse caminhar

Deixar seu nome escrito nas linhas da construção

Na estrada capitalista, andamos na contramão

Pra combater o machismo e a discriminação

Homens e mulheres unidos plantando revolução

Homens e mulheres unidas plantando revolução

Mas a história quer mulher, sua participação (2x)

Isso é para quem se conhece, ou anda meio esquecido, saiba que sem feminismo, não haverá socialismo (2x)

Mas a história quer mulher, sua participação (2x)

Quando uma mulher avança, toda a sociedade gente avança!

Assista o vídeo do através do QRCode Conversatório 1 Mulheres e as tecnologias na agroecologia:

